

96 0 SLC30 20 JUN 1992

Pecados abaixo do Equador

JOSÉ SARNEY

A sorte da América Latina preocupa. O próprio conceito de América Latina, outros tempos discutido, agora enfrenta a realidade de uma ficção. Quando a Europa descobriu a América, há 500 anos, pensou ser o "novo mundo", onde os ideais europeus iriam se concretizar em sua plenitude. E fato incontestável que em nenhum lugar as idéias da Europa se realizaram como aqui. Da América saiu a Declaração dos Direitos do Homem e, nos tempos atuais, o país que liderou o pensamento liberal, os direitos individuais e a democracia, fazendo-a sistema de vida a ser conquistado por todos os povos.

Mas é cada vez mais nítida a existência das três Américas. A do Norte, saxonica, rica, líder mundial. A Central, convulsa, onde os Estados ainda não se consolidaram completamente, e a do Sul, solitária, num fundo de bolsão, à margem do poder, onde não passa nenhum fluxo mundial estratégico, econômico e político.

Nesta, está o Brasil, dominante em sua geografia. Nixon afirmou que para onde fosse o Brasil iria a América Latina, e não só a América do Sul. Esta frase, hoje, ressoa distante e nostálgica na nossa lembrança. Na área já desponta um enclave do mundo desenvolvido, no desempenho do Chile. O México participa da aventura americana de seu projeto mundial, que se concretiza no mercado comum México-EUA-Canadá.

A grande indagação nossa, em particular, é a de saber qual o lugar da América do Sul neste quadro, agora desenhado pelas forças vitoriosas sobre o comunismo. A dura realidade é que o nosso continente é o único que apresenta sintomas de regressão. Representamos hoje 3,8% do PIB mundial; em 1950, éramos 7,4%. Em 1960, nossa participação no comércio internacional era de 10%; hoje, de 3,6%. Enquanto isso, nossa dívida é a maior de todas, cerca de 400 bilhões de dólares. Passamos a ser exportador de capital e drenamos recursos na direção das economias ricas. Recordamos que, na década de 30, a Argentina tinha renda per capita maior que a da Itália, e o Brasil, em 20, maior que o Japão. Nossos indicadores sociais não esta-

vam, como estão, figurando na lista entre os mais baixos do mundo, ao lado de alguns pobres países da América e Ásia.

Nossa população será, até o fim do século, de 540 milhões de pessoas, 8,6% da população mundial. A grande concentração será na área urbana, crescendo a uma taxa de 3%, e a população rural diminuindo em 0,53%. Em 1990, cerca de 300 milhões de pessoas viviam nas cidades e 140 milhões nas áreas rurais. Em 1980 essa relação era de 200 para 160 milhões. Existia, em estado de pobreza absoluta, em 1985, um terço da população, e a estimativa é de que, no fim do século, essa participação alcance a metade.

O pior de tudo é que a pobreza é um problema estrutural da sociedade. Não é característica de um país, mas de todos, na mesma extensão. Se projetarmos o esforço que necessitamos em saneamento, saúde, educação, moradia, emprego, chegamos a uma rota de total pessimismo e desalento.

Em 1990, na América Latina, o crescimento econômico ficou 2% abaixo de zero. A recessão internacional, fruto da dinâmica das leis de mercado, espontânea, foi aqui uma imposição das políticas de ajustamento, isto é, provocada. Seus efeitos são devastadores. Esta semana, em São Paulo, anunciavam número de desempregados em torno de 16%, o que parece impossível. A renda per capita caiu em 4,80%, em dois anos.

Se atentarmos que a concentração de renda é muito forte, vamos verificar que sobre os mais pobres a situação é de desespero. Mas não só no Brasil: o fenômeno é geral. Há que haver uma reflexão sobre essas políticas de ajustamento, impostas em pacote. É necessária uma política macroeconômica estável.

É claro que ninguém prega um afrouxamento dos ajustes fiscais e do controle dos déficits orçamentários. O que não se pode admitir é que o custo dessas políticas recessivas não seja compartilhado pelos países ricos, que se trançam numa total hipocrisia. Esta opinião é abonada pelo Grupo de Trabalho de Maria de Lourdes Pintasilgo, ex-chefe do Governo de Portugal (ela da CE), em seu relatório sobre crise na AL.

Eles nos impõem uma economia de mercado aberto e os países industrializados

tornam-se cada vez mais protecionistas. Eles nos pregam políticas ambientais e, como ficou explícito na Rio-92, recusam-se a apoiá-las. Obrigam a severos controles orçamentários e comerciais, e têm os maiores déficits do mundo, que são financiados com a participação, também, dos mais pobres. Encastelam-se num terreno principista que desconhece a realidade.

O problema hoje da América Latina, da América do Sul, principalmente, e do Brasil, como integrante maior desse todo, é que chegamos à exaustão. Na base do que ocorre no Peru e Venezuela está a ponta do iceberg do problema social, com o componente da droga, uma das faces mais terríveis da pobreza. Desse processo não escapa o empresariado, atravessando dificuldades insuperáveis.

Com esses números e essas perspectivas, não há como pensar em uma América Latina participando do novo projeto mundial. Estamos na periferia e somente uma ação política de integração, de unidade do continente pode forçar o mundo desenvolvido a incorporar o nosso continente nas preocupações globais. Perdemos uma grande oportunidade, a de não nos unirmos para negociar em conjunto o problema da dívida externa. E agora, sem cartas na mão, em pior situação, se não negociarmos em conjunto a modificação dos ajustamentos, cujos custos não devem recair somente nas nossas economias, vai-se outra oportunidade. Não desconsiderar também as conseqüências institucionais, pois a democracia não pode viver o paradoxo de ser forte nos princípios e fraca para construir uma boa economia.

Por isso, o ex-chanceler Dante Caputo, da Argentina, advertiu para os perigos do que ele chamou "as democracias pobres", ameaçadas nos seus valores e erroneamente responsabilizadas pelo caos, pela concentração da riqueza e explosão gigantesca da pobreza.

Nosso dilema ficou entre o desalento e a esperança. Esta é a matéria de trabalho dos políticos, aquele, o caldo de cultura que engorda a revolta dos marginalizados.

Agora, abaixo do Equador, já há pecados, e o maior de todos, contra o futuro.

José Sarney é membro da Academia Brasileira de Letras e senador pelo Amapá.